

A Construção Metafórica do Conceito 'Sociedade' em Perspectiva Comparativa

Ulrike Schröder*

Abstract: Based on two corpora composed of four discourse genres each – spoken interviews, written interviews, newspaper articles and non-fictional books – the article focuses on the way one speaks metaphorically about 'society' in current German and Brazilian discourse. The study reveals that the image schemas tend to be more mixed and dynamic in the German corpus as compared to the Brazilian one and that the conceptual metaphors **-business, building, game, and observation** - are more frequent, whereas in the Brazilian corpus, there is a more extensive use of **personification, stage, flora, family, and war**. In a second step, motivated by a more microanalytic and communicative approach, we turn our attention to 'highlighting' and 'hiding' effects connected to certain ideological backgrounds, strategic aims and speech functions linked to the preference of certain metaphors.

Keywords: Conceptual metaphors, image schemas, society

Resumo: Com base em um corpus de quatro gêneros textuais – entrevistas orais e escritas, artigos jornalísticos e livros de não-ficção – o artigo focaliza o modo como o conceito 'sociedade' é abordado metaforicamente em discursos brasileiros e alemães atuais. Os resultados mostram que certos esquemas imagéticos são mais misturados e dinâmicos no corpus alemão em oposição ao corpus brasileiro, onde a percepção da própria sociedade tende a ser mais estática. Com relação a metáforas conceituais, destacam-se as metáforas **negócio, edifício, jogo e observação** como mais frequentes no corpus alemão, ao passo que no corpus brasileiro o uso das metáforas **personificação, palco, flora, família e guerra** é mais frequente. Acrescenta-se também uma microanálise que leva em consideração o contexto e as intenções dos locutores que revelam as funções comunicativas ligadas à preferência de certas metáforas.

Palavras-chave: Metáforas conceituais, esquemas imagéticos, sociedade

* Doutora em Comunicação Social pela Universidade de Essen, professora adjunta II da Faculdade de Letras da UFMG. Email: schroederulrike@gmx.com

1. Introdução

Desde o nascimento da Teoria Conceptual da Metáfora (LAKOFF & JOHNSON 1980), a metáfora não manteve sua concepção de mera figura trópica no sentido de um ornamento retórico, mas sim, passou a ser entendida como fenômeno cognitivo, no qual se observa um “cross-domain mapping in the conceptual system” (LAKOFF 1993: 203), sendo um dos domínios o alvo (*target domain*) e o outro a fonte (*source domain*) do mapeamento metafórico. No entanto, nesse processo, ao invés de apenas se referirem descritivamente a um mundo externo, as metáforas passaram a atuar de forma prescritiva e performativa. Por fim, na relação entre indivíduo e sociedade, elas assumiram um papel mediador entre cognição e linguagem, tornando-se o meio central para a criação da cultura (KÖVECSES 2005: 2006). Enquanto servem à estruturação do nosso mundo interno e externo, no que tange à cognição, com relação à linguagem, elas potencialmente ocorrem em qualquer tipo de comunicação e, sendo assim, guiam também objetivos particulares de ação. Sob essa ótica, o que se torna relevante, são os aspectos semânticos, afetivos, comunicativos e pragmáticos das metáforas (CAMERON 2007, 2008, SCHRÖDER 2007, 2009). Portanto, a relação entre metáfora e realidade é uma relação recíproca na qual, por um lado, a realidade cultural pode levar a um uso específico de metáforas; por outro lado, trata-se também de um processo no qual essa realidade somente se segue a sua prefiguração metafórica. Dessa forma, metáforas fazem circular imagens que têm uma função epistemológica e condutora, por coordenarem nossas ações cotidianas.

Ora, como no caso de outros domínios abstratos, também quando falamos ou escrevemos sobre ‘sociedade’, utilizamos metáforas para tornar um tal conceito tratável e estruturável, de algum modo. Com isso, tanto para as instituições sociais como para o indivíduo singular, tem uma relevância profunda se **sociedade** é conceitualizada como **corpo, aparelho, sistema, contrato, nexa natural** ou **unidade jurídica**, como aconteceu nas grandes abordagens filosóficas e sociológicas (LÜDEMANN 2004). Tais reflexões e criações teóricas sobre nossa realidade social ilustram que “die Einheit der Gesellschaft in der Gesellschaft nur als imaginäre Einheit, als semantische Imagination zu haben ist” (FUCHS 1992: 7).

Uma consequência importante dessa suposição sobre o caráter demiúrgico de metáforas é que locais culturais, sociais ou individuais distintos também contribuem de modos distintos para a construção metafórica da realidade. É o aspecto cultural da metáfora na construção do domínio discursivo ‘sociedade’ que buscamos explorar em nosso estudo. Em virtude disso, realizamos um estudo sobre o uso divergente de metáforas na tematização da sociedade atual nas comunidades de fala alemã e brasileira.

2. Procedimento metodológico

Para a realização do estudo foi composto um corpus com base em quatro gêneros distintos dentro de uma escala contínua da oralidade à escrita:

- Entrevistas orais com 25 sujeitos em cada cultura (1 a 3 entrevistados por entrevista), resultando em um corpus de 15.926 palavras no caso brasileiro e 15.406 palavras no caso alemão;
- Entrevistas escritas com 25 sujeitos em cada cultura resultando em um corpus de 7.086 palavras no caso brasileiro e 7.625 palavras no caso alemão;
- Artigos jornalísticos online que tratam explicitamente do assunto ‘sociedade brasileira/alemã atual’ pré-selecionados por busca eletrônica, resultando em um corpus de 113.760 palavras no caso brasileiro e 102.455 palavras no caso alemão;¹
- Cinco livros de não-ficção de cada cultura, publicados entre 2005-2008 e relacionados ao tema ‘sociedade brasileira/alemã atual’, cuja seleção seguiu as listas de best-seller e suas respectivas resenhas nos meios de comunicação relevantes.²

¹ O corpus brasileiro abrange artigos de 2006-2008 dos jornais *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo*, *Estado de Minas*, *Jornal do Brasil* e das revistas *Veja*, *Carta Capital* e *Época*. O corpus alemão compreende artigos de 2006-2008 dos jornais *TAZ*, *DIE ZEIT*, *Frankfurter Rundschau*, *Die Welt* e da revista *DER SPIEGEL*. Uma explicação das abreviações relacionadas às citações encontra-se no anexo.

² Livros brasileiros analisados: *Leituras da Crise* de Marilena Chaui, Leonardo Boff, João Pedro Stedile & Wanderley Guilherme dos Santos (2006), *Brasil, um país do futuro?* de João Paulo dos Reis Velloso & Roberto Cavalcanti de Albuquerque (2006), *A Cabeça do Brasileiro* de Alberto Carlos Almeida (2007), *Brasil Contemporâneo. Crônicas de Um País Incógnito* de Fernando Schüler & Gunter Axt (2006) e *A Nova Sociedade Brasileira* de Bernardo Sorj (2006). Livros alemães analisados: *Was zur Wahl steht* de Ulrich Beck (2005), *Die Ausgeschlossenen. Das Ende vom Traum einer gerechten Gesellschaft* de Heinz Bude (2008), *Politische Milieus in Deutschland. Eine Studie der Friedrich-Ebert-Stiftung* de Gero Neugebauer (2007), *Deutschland. Der Abstieg eines Superstars* de Gabor Steingart (2005) e *Deutschland eine gespaltene Gesellschaft* de Stephan Lessenich & Frank Nullemeier (2006).

Uma hipótese central que conduziu a escolha dos corpora supõe que esse contínuo represente uma ‘scale of conventionality’ (KÖVECSES 2002: 31; BECKMANN 2001: 71-82) no que concerne metáforas mais lexicalizadas do lado das entrevistas e metáforas também criativas ou inovativas do lado dos artigos jornalísticos e livros em questão, isto é, metáforas inovativas, muitas vezes, têm sua origem em comentários feitos por políticos ou jornalistas e começam a circular nos meios de comunicação em massa, criando uma certa intertextualidade que influencia o modo como as pessoas falam sobre os assuntos em questão. Sendo assim, seria possível observar tendências que se desenvolvem nas respectivas culturas quanto ao surgimento, o desdobramento e a habitualização de certas metáforas-chave. Concomitantemente, isso nos leva de um macronível a um micronível de análise. Nesse sentido, o estudo combina procedimentos quantitativos com qualitativos.

Para a identificação das metáforas e sua sistematização, desenvolvemos as seguintes etapas:

Em um primeiro passo da análise, foram marcados todos os lexemas, ou seja, grupos de lexemas referentes ao tópico ‘sociedade’ que se destacam de um pano de fundo cotextual e contextual gerando, com isso, uma tensão semântica. Para etiquetar tais unidades lexicais como expressões ‘metafóricas’, aplicamos a metodologia ‘Pragglejaz’³ (STEEN 2007:88-91) acerca da questão (1) se as respectivas unidades lexicais têm um significado central e prototípico em outros contextos e (2) se esse significado central precede o significado atual do corpus em perspectiva diacrônica. Em casos mais complexos, foram consultados dicionários etimológicos. Em um segundo passo, foi decidido se o significado atual e contextual⁴ pode ser contrastado com o significado central e, ao mesmo tempo, se pode ser descrito como polissêmico no sentido de uma extensão metafórica do significado prototípico. Nesse caso, o lexema em questão foi identificado como ‘metafórico’. Marcamos exclusivamente palavras de conteúdo semântico próprio (STEEN 2002: 187). Em seguida, agrupamos as expressões

³ O nome do grupo é composto pelas primeiras letras dos primeiros nomes dos participantes do grupo. A eles pertencem Peter Crisp, Ray Gibbs, Alice Deignan, Graham Low, Gerard Steen, Lynne Cameron, Elena Semino, Joe Grady, Alan Cienki e Zoltan Kövecses.

⁴ Cf. o conceito ‘Kon-Determination’ (‘con-determinação’) de Harald WEINRICH (1976: 317-327): Quanto mais contexto é dado a uma expressão tanto mais possibilidades da interpretação são eliminadas. Por conseguinte, em um texto, uma palavra não tem mais seu significado amplo e genérico, mas sim, somente um significado já concretizado. Por isso, o objetivo de Weinrich foi transformar a ‘semântica da palavra’ em uma ‘semântica textual’.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

metafóricas em feixes e as categorizamos, isto é, elas foram agregadas a certos domínios fonte que serviram como doador da imagem.⁵

Para uma melhor ilustração, em uma primeira sistematização quantitativa, os resultados serão apresentados em dois passos, seguindo a distinção entre ‘bildschematische Metaphern’ e ‘Konstellationsmetaphern’ (BALDAUF 1997), aliás, ‘image-schema metaphor’ e ‘structural metaphor’ (KÖVECSES 2002: 36-37):

As the name image-schema implies, metaphors of this kind have source domains that have skeletal image-schemas, such as the one associated with out. By contrast, structural metaphors are rich in knowledge structure and provide a relatively rich set of mappings between source and target. (KÖVECSES 2002: 37).

Tais esquemas imagéticos baseiam-se em nossas experiências físicas no mundo e nossas interações com o mundo, ao passo que metáforas de constelação possuem um conteúdo proposicional com imagens concretas conceitualizando topologicamente um domínio inteiro. Destarte, por exemplo, agrupamos certas expressões que ocorreram de modo singular, preservando uma estrutura conceitual meramente abstrata e não específica, sob o esquema CAMINHO, enquanto a metáfora complexa VIAGEM foi vista como metáfora de constelação, especificando, estendendo e animando o esquema abstrato do CAMINHO. Expressões que pertencem a essa categoria refletem imagens concretas de uma viagem de trem, de avião, de carro ou de barco. Sendo assim, a delimitação serviu, sobretudo, para evitar etiquetas erradas ou especulativas.

3. Resultados

3.1 Comparação das metáforas de esquemas imagéticos

⁵ Dificuldades encontradas com relação ao agrupamento das expressões em mais do que apenas um domínio (SEMINO ET AL. 2004) como no caso dos lexemas *vencedor* e *perdedor*, que tanto podem ser associados ao domínio GUERRA como ao domínio JOGO, de modo geral, puderam ser evitadas por desambiguarem o lexema no micronível ou macronível do texto. No caso dos livros, por exemplo, o termo em questão, muitas vezes, encaixou-se em uma narração metafórica superordenada, dominando um capítulo inteiro.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

Um primeiro olhar lançado ao número absoluto de lexemas ligados a esquemas imagéticos e sua distribuição percentual nos dois corpora revela o seguinte resultado, no qual é diferenciado entre número de lexemas (*token*) e variação de lexema (*type*):

ESQUEMAS IMAGÉTICOS	Brasil		Alemanha	
	Número lexemas	Porcentagem ⁶	Número lexemas	Porcentagem
CONTÊINER	555	19,6	937	21,1
CENTRO – PERIFERIA	478	16,8	648	14,6
VERTICALIDADE	472	16,6	1120	25,2
CAMINHO	488	17,2	737	16,6
UNIDADE – PARTES	421	14,8	588	13,2
FORÇA	101	3,6	140	3,2
MOVIMENTO	295	10,4	270	6,1
BALANÇA	28	1,0	3	0,1
TOTAL	2838	100,0	4443	100,0

Tabela 1: Número de lexemas (tokens) por esquema imagético

ESQUEMAS IMAGÉTICOS	Brasil		Alemanha	
	Número lexemas	Porcentagem	Número lexemas	Porcentagem
CONTÊINER	57	14,4	89	19,3
CENTRO – PERIFERIA	37	9,3	37	8,0
VERTICALIDADE	54	13,6	75	16,2
CAMINHO	118	29,7	132	28,6
UNIDADE – PARTES	85	21,4	78	16,9

⁶ A percentagem refere-se ao total das metáforas encontradas no corpus da respectiva cultura.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

FORÇA	22	5,5	20	4,3
MOVIMENTO	11	2,8	28	6,1
BALANÇA	13	3,3	3	0,6
TOTAL	397	100,0	462	100

Tabela 2: Variação de lexemas (types) por esquema imagético

ESQUEMAS IMAGÉTICOS	Exemplo alemão	Exemplo brasileiro
CONTÊINER	wer siegesgewiß <i>drinnen</i> , wer wackelig dazwischen oder wer schon <i>draußen</i> ist (quem está <i>dentro</i> , certo da vitória, quem está abaladamente no meio ou quem já está <i>fora</i>)	Quem está <i>dentro</i> não <i>sai</i> , quem está <i>fora</i> não <i>entra</i>
CENTRO – PERIFERIA	Die Angst sei <i>von den Rändern</i> der Gesellschaft <i>zur Mitte</i> gewandert (O medo passou das <i>margens</i> da sociedade para o <i>centro</i>)	Estou à <i>margem da margem</i>
VERTICALIDADE	Viele werden in den <i>Strudel des Abstiegs</i> gerissen (Muitos são arrastados para o <i>turbilhão da queda</i>)	A classe <i>média</i> <i>subiu</i> um <i>degrau</i> na <i>pirâmide</i> social de consumo
CAMINHO	Die deutsche Gesellschaft <i>geht in die Richtung</i> der amerikanischen (A sociedade <i>alemã</i> <i>anda na direção</i> da sociedade norte-americana)	O Brasil <i>caminha a passos largos</i> para <i>superar barreiras</i> históricas
UNIDADE – PARTES	Die Gesellschaft <i>atomisiert</i> sich (A sociedade <i>atomiza-se</i>)	Para melhorar a sociedade como um <i>todo</i>
FORÇA	Die <i>Starken</i> müssten mehr den sozial <i>Schwachen</i> helfen (Os <i>fortes</i> teriam que ajudar mais aos socialmente <i>fracos</i>)	mas de uma grande aliança entre todas as <i>forças</i> sociais do país

		Fim da <i>mobilidade</i> social ajudou Lula
	Die Angst, die immer breitere Schichten erfasst und sie <i>immobilisiert</i>	
MOVIMENTO	(O medo que atinge cada vez mais camadas e as <i>imobiliza</i>)	
		É uma sociedade <i>desequilibrada</i> .
	Die Gesellschaft ist <i>aus dem Gleichgewicht geraten</i>	
BALANÇA	(A sociedade <i>perdeu seu equilíbrio</i>)	

Tabela 3: Exemplos para os esquemas imagéticos

Apesar de muitos paralelos face ao uso de metáforas de esquemas imagéticos também se encontram algumas nuances cruciais apontando preferências da respectiva cultura:

A comparação intercultural mostra um número de lexemas maior para o domínio **contêiner** no corpus brasileiro, ao passo que o número percentual parece aproximadamente igual àquele do corpus alemão. Não obstante, no corpus alemão predomina **verticalidade**, favorecendo um número menor de expressões do domínio **centro – periferia** que, por sua vez, ocupa o primeiro lugar no corpus brasileiro. Entre outros motivos, essa tendência poderia ter raízes sócio-geográficas, uma vez que, no Brasil, o discurso sobre desenvolvimento urbano e arquitetônico é fortemente dominado pelo antagonismo centro – periferia. Nisso, muitas vezes, as camadas mais pobres estabelecem-se ao redor dos centros urbanos, ou seja, pode-se observar uma correlação entre estrutura local e social. O mesmo se vê no nível regional, no qual a polarização entre metrópoles ricas e interior pobre se destaca em oposição à Alemanha. A despeito disso, desde o começo do ‘debate sobre a classe baixa’,⁷ o esquema da verticalidade torna-se cada vez mais uma nova imagem central nos veículos de comunicação da Alemanha.

Ademais, chama atenção a metáfora conceptual do **movimento**, responsável por um número maior e uma variação maior de lexemas no corpus brasileiro. Ela pode ser

⁷ A assim chamada ‘Unterschichtendebatte’ surgiu no ano 2006 junto com a discussão sobre a demolição do estado social e a desigualdade crescente.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

interligada ao tópico clássico da esquerda, presente nas suas abordagens sobre a sociedade, nas quais os ‘movimentos sociais’ passam ao primeiro plano.

Com relação à variação de lexemas, nos dois corpora, o esquema do **caminho** está em primeiro lugar, o que poderia ter algo a ver com a animação implícita desse esquema. Em princípio, podem-se observar mecanismos diferentes de dinamização. Sendo assim, no uso da linguagem, simplesmente não se encontram esquemas imagéticos universais e estáticos em correspondência com a visão tradicional da primeira geração da teoria cognitiva da metáfora (LAKOFF 1987; JOHNSON 1987), pois dentro de um contexto sócio-cultural, tais esquemas são animados e surgem como ‘esquemas imagéticos compostos’ (CIENKI 1997; KIMMEL 2005; Sinha & Jensen de LÓPEZ 2000; GIBBS 2005).

Assim, no corpus alemão encontram-se configurações específicas que refletem algumas particularidades ligadas à cultura alemã, por serem encontradas apenas raramente no corpus brasileiro, como a frequente combinação dos esquemas **verticalidade** e **caminho** (1-5) na imagem de pessoas que caem ou tentam subir. Muitas vezes, esquemas como **caminho**, **verticalidade**, **contêiner** ou **centro – periferia** (6-8) são combinados como ilustram os seguintes exemplos. No exemplo (8), adicionalmente, o esquema da **força** é acrescentada:

(1) Die einen sind *tief gefallen*, die anderen haben nie *abgehoben* (Z32)
(Uns *caíram profundamente*, outros nunca *levantaram*)

(2) *Abstieg in die Katakomben* der Gesellschaft (S2)
(*queda para as catacumbas* da sociedade)

(3) die soziale *Stufenleiter* ist überhaupt *glitschiger* geworden. Der *Absturz* scheint von überall möglich (Bude 2008, 33)

(a *escada social de patamares*, em geral, tornou-se mais *eskorregadiça*. A *queda* parece poder ocorrer em qualquer lugar)

(4) *in den Strudel* einer ‚*Abwärtsspirale*‘ zu *geraten* (LESSENICH ET AL. 2006,35)

(*cair no turbilhão da ,espiral para baixo* ’)

(5) Die deutsche Gesellschaft *geht immer weiter den Bach runter* (EoA10)

(A sociedade alemã continua *descendo o rio*)

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

(6) Wer heute *in den unteren Teil* der Gesellschaft *hineingeboren* wird, hat nur wenige Chancen, dort im Laufe seines Lebens wieder *herauszuklettern*(S8)

(Quem nasce *dentro da parte baixa* da sociedade, tem hoje apenas poucas chances de *subir de lá* no decorrer da sua vida)

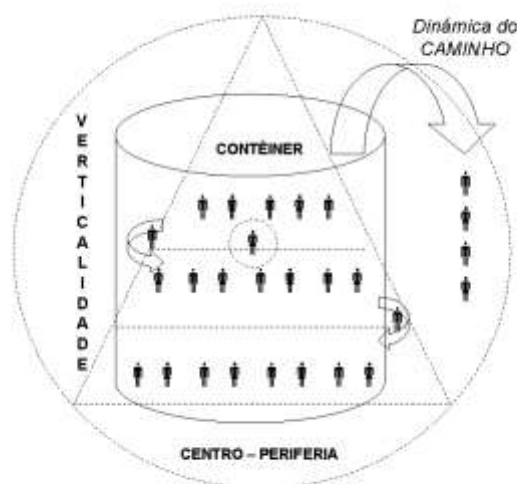
(7) Besser als die Möglichkeiten der Armen, *in die Mittelschicht zu klettern*, sind die *Aufstiegschancen der Mittelschichtler nach ganz oben*. Rund elf Prozent der Beschäftigten schafften im gleichen Zeitraum den *Sprung in die oberen Gehaltsklassen*. (Z12)

(Melhor do que as oportunidades dos pobres de *ascenderem para o interior da classe média* são as chances de *ascensão da classe média até o topo*. No mesmo período, aproximadamente onze por cento dos que têm emprego conseguiram o *salto para as classes salariais superiores*)

(8) Es gibt *Druck* auf die *Ränder*, Hartz IV. Ich gehör’ mittlerweile zu denjenigen, die den *Druck* gut finden, sozialpädagogisch, solange diejenigen, die wirklich staatliche Unterstützung brauchen, nicht *aus dem Raster fallen* (EoA5,1)

(Há *pressão nas margens*, Hartz IV. Entrementes, faço parte daqueles que acham boa essa *pressão*, pela perspectiva sócio-pedagógica, enquanto aqueles que realmente necessitam do apoio estatal não *caírem para fora do retículo*.)

Podemos entender tais ‘esquemas imagéticos compostos’ também como processos complexos da mesclagem, isto é, como ‘integration networks’ (FAUCONNIER & TURNER 2008), nas quais domínios-input distintos se mesclam em um espaço novo. O quadro em seguida ilustra como será uma cobertura potencial de todos os esquemas analisados acima:



Quadro 1: Esquemas imagéticos compostos e dinamizados em redes de integração

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

A forte animação dos esquemas imagéticos no corpus alemão pode ser vista em conexão com a percepção de uma sociedade que está em transformação, uma vez que, no corpus brasileiro, uma dinâmica comparável é vista em apenas sete artigos jornalísticos que se referem todos a uma estatística que, no início do ano 2008, constatou um crescimento incisivo da classe média, causado por uma melhoria das condições salariais da antiga classe baixa. Apesar disso, os esquemas imagéticos do corpus brasileiro são mais estáticos, e de vez em quando, é até explicitado que não há muitas mudanças na sociedade brasileira, quer dizer, VERTICALIDADE ou CONTÊINER também são conceitualizados como modelos estáticos de modo consciente (9-11). No que tange ao esquema do CAMINHO, essa tendência reflete-se na percepção da própria sociedade como objeto animado em movimento circular ou difuso que não consegue andar para frente (12-14).

(9) Quem está dentro não sai, quem está fora não entra (V1)

(10) uma sociedade fundada na dominação patrimonialista de fundo estamental, pirâmide de ascensão previamente bloqueada para os despossuídos de todos os tempos, pendularmente (ausgehängt) oscilantes no trapézio da precariedade social (ESP3)

(11) o negro conhece o seu lugar (Almeida 2007, 231)

(12) fazendo a sociedade permanecer no círculo vicioso do apadrinhamento e se contentando com migalhas (Brotkrumen) (ESP6)

(13) Ela [a sociedade] ainda tá rodando círculo e não se achou (EoB4,1)

(14) [a sociedade] vive num fluxo que leva de nada para lugar nenhum (EoB4,2)

3.2 Comparação das metáforas da constelação

Os resultados acerca das metáforas da constelação podem ser resumidos da seguinte forma:

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

DOMÍNIO FONTE	Brasil		Alemanha	
	Número lexemas	Percen- tagem	Número lexemas	Percen- tagem
PERSONIFICAÇÃO ⁸	295	14,7	114	5,4
PACIENTE DOENTE	85	4,2	87	4,1
FLORA	161	8,0	174	8,3
FAMÍLIA	95	4,7	100	4,7
REGRAS	29	1,4	9	0,4
SISTEMA	171	8,5	185	8,8
MÁQUINA	144	7,2	74	3,5
EDIFÍCIO	147	7,3	252	12,0
COLABORAÇÃO	42	2,1	56	2,7
NEGÓCIO	49	2,4	143	6,8
TEATRO, PALCO	81	4,0	48	2,3
INTRANSPARÊNCIA	69	3,4	19	0,9
GUERRA	416	20,7	222	10,5
VIAGEM	35	1,7	67	3,2
JOGO, COMPETIÇÃO	39	1,9	260	12,3
OBSERVAÇÃO	22	1,1	79	3,8
MUDANÇA CLIMÁTICA	14	0,7	49	2,3
APRENDIZAGEM	15	0,7	0	0,0
ALIMENTAÇÃO	24	1,2	0	0,0
OUTRAS METÁFORAS	77	3,8	168	8,0
TOTAL	2010	100,0	2106	100,0

Tabela 4: Número de lexemas (tokens) por domínio fonte

⁸ A **personificação** não pertence à categoria das metáforas da constelação como campo inteiro estruturado por elementos e suas relações, mas sim, forma uma subclasse das metáforas ontológicas (LAKOFF & JOHNSON 1980; Baldauf 1997). Porém, é listada aqui, uma vez que, devido a sua alta proposicionalidade, ela tem mais em comum com a metáfora da constelação do que com os esquemas imagéticos que representam meras *gestalts*. Então, a diferença decisiva está no grau de abundância proposicional pelo qual metáforas se distinguem como *ground models* daquelas que representam *figure models* (BARANOV & ZINKEN 2003).

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

DOMÍNIO FONTE	Brasil		Alemanha	
	Número lexemas	Porcen- tagem	Número lexemas	Porcen- tagem
PERSONIFICAÇÃO	178	25,5	83	13,7
PACIENTE DOENTE	52	7,4	55	9,1
FLORA	63	9,0	33	5,4
FAMÍLIA	40	5,7	24	4,0
REGRAS	3	0,4	4	0,7
SISTEMA	15	2,1	8	1,3
MÁQUINA	33	4,7	32	5,3
EDIFÍCIO	33	4,7	60	9,9
COLABORAÇÃO	11	1,6	15	2,5
NEGÓCIO	23	3,3	58	9,6
TEATRO, PALCO	29	4,1	17	2,8
INTRANSPARÊNCIA	33	4,7	10	1,7
GUERRA	111	15,9	82	13,5
VIAGEM	30	4,3	38	6,3
JOGO, COMPETIÇÃO	18	2,6	47	7,8
OBSERVAÇÃO	5	0,7	23	3,8
MUDANÇA CLIMÁTICA	7	1,0	17	2,8
APRENDIZAGEM	3	0,4	0	0,0
ALIMENTAÇÃO	12	1,7	0	0,0
TOTAL	699	100,0	606	100

Tabela 5: Variação de lexemas (types) por domínio fonte

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

DOMÍNIO FONTE	Exemplo alemão	Exemplo brasileiro
		caminhar com as próprias <i>pernas</i>
PERSONIFICAÇÃO	eine <i>in die Jahre kommende</i> Gesellschaft (uma sociedade <i>idosa</i>)	
PACIENTE DOENTE	<i>Symptome</i> eines “Unterschichtenlandes” entwickelt, das <i>in Lethargie verfallen</i> ist (desenvolve <i>sintomas</i> de um “país da classe baixa” que <i>caiu em letargia</i>)	parecem <i>esparadrapos cosméticos</i> sobre uma <i>ferida</i> que não <i>sara</i>
FLORA	Rechtsextremes <i>Gedankengut gedeiht</i> [...] in der Unterschicht (<i>sementes</i> de ideias da extrema direita <i>germinam</i> [...] na classe baixa)	E por aqui <i>fincou raízes fortes</i> em nossa sociedade
FAMÍLIA	Der Staat noch als <i>alimentierender Ersatzvater</i> (O estado ainda como <i>pai provedor substituto</i>)	Faz parte da nossa cultura ibérica gostar do <i>afago</i> do Estado
REGRAS	eine Gesellschaft, die keinen <i>Regeln</i> mehr <i>folgt</i> (uma sociedade que não <i>segue</i> mais nenhuma <i>regra</i>)	Toda sociedade precisa de uma idéia <i>reguladora</i>
SISTEMA	<i>soziales Netzwerk</i> (<i>rede social</i>)	para que a coisa <i>funcione</i> , é preciso ter <i>mecanismos</i> de <i>reequilíbrio</i> e <i>regulação</i>
MÁQUINA	in der Mitte der Gesellschaft die materielle <i>Schraube</i> [...] enger <i>drehen</i> (<i>apertar o parafuso</i> no centro da sociedade)	A <i>mola propulsora</i> do avanço das nações, a classe está imobilizada no Brasil
EDIFÍCIO	Die <i>Eckpfeiler</i> dieser Mittelklassenwelt [...] haben an <i>Tragfähigkeit</i> verloren (As <i>pilastras angulares</i> desse mundo da classe média [...] perderam sua <i>suportabilidade</i>)	uma sociedade <i>construída em cima dos alicerces</i> da escravidão

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

		com a <i>colaboração</i> da sociedade
COLABORAÇÃO	man müsste einige <i>Bereiche</i> noch mal <i>überarbeiten</i> (teria que se refazer uma <i>revisão</i> de alguns <i>domínios</i>)	
NEGÓCIO	Neoliberale Gesellschaft mit <i>begrenzter Haftung</i> (Sociedade neoliberal de <i>responsabilidade limitada</i>)	O <i>preço</i> de atingir e manter o status quo de classe média [...] tornou-se quase <i>impagável</i>
TEATRO, PALCO	tarifrechtlich geschützten <i>Platz</i> auf deren <i>Vorderbühne</i> beanspruchen (exigir um <i>lugar</i> protegido jurídico-tarifariamente no <i>primeiro palco</i>)	o grande <i>drama</i> histórico da sociedade brasileira desde o início de seu processo
INTRANSPARÊNCIA	werden die gesellschaftlichen Prozesse zunehmend <i>undurchsichtig</i> (os processos sociais tornam-se cada vez mais <i>intransparentes</i>) <i>opacos</i>	É preciso limpar o <i>emaranhado</i> sistema
GUERRA	<i>Frontlinie</i> verläuft [...] zwischen Ober-, Mittel- und Unterschicht (a <i>linha frontal</i> corre entre as classes alta, média e baixa)	A <i>luta contra</i> a pobreza terá que se tornar a principal <i>batalha</i> de toda a sociedade
VIAGEM	<i>Ersatzanker</i> in <i>stürmischen</i> sozialen <i>Gewässern</i> (uma <i>âncora</i> substituta em <i>águas tempestuosas</i>)	Quem é <i>vagão</i> e quem é <i>locomotiva</i>
JOGO, COMPETIÇÃO	Die meisten von ihnen stehen auf der <i>Verliererseite</i> (a maior parte deles está <i>do lado</i> dos <i>vencidos</i> .)	Que somos <i>peões</i> num <i>jogo de xadrez</i> [...] e a briga não chega nos <i>cavalos</i> , nos <i>reis</i>
OBSERVAÇÃO	gesellschaftliches <i>Selbstbild</i> (<i>auto-retrato</i> da sociedade)	sua abissal desigualdade social é "colonizada" por uma <i>visão</i> "economicista"
MUDANÇA	<i>Wind</i> , den eine moderne Gesellschaft erzeugt	como o Brasil deve atravessar esse período

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

CLIMÁTICA	(vento causado por uma sociedade moderna)	de <i>alta turbulência</i> ?
	∅	uma grande sociedade que cada dia <i>aprende</i> mais
ALIMENTAÇÃO	∅	Ela é um <i>bolo</i>

Tabela 6: Exemplos para metáforas conceptuais

Os resultados, de um modo bem geral, afirmam a tese de KÖVECSSES (2005: 67-87) de que, no caso da variedade cultural de metáforas, na maioria das vezes, não se trata de uma questão de domínios fontes distintos, mas sim, de conceitualizações preferenciais, como mostra, entre outros, o estudo de SCHRÖDER (2009) com relação às metáforas aplicadas por estudantes brasileiros e alemães para falar sobre domínio AMOR. Pois apesar dos domínios fonte **aprendizagem** e **alimentação**, sem correspondência no corpus alemão, todos os demais domínios, que revelaram pelo menos três ocorrências, podem ser encontrados nos dois corpora.

Como diferença mais crucial, o que chama a atenção é o número significativamente maior de personificações no corpus brasileiro, considerando tanto o número absoluto de ocorrências como a variação de lexemas. De fato, isso está em correlação com a observação de que a transição da palavra *sociedade* às pessoas que a compõem acontece mais naturalmente nas entrevistas brasileiras. Nisso, o ponto de partida frequentemente é formado pela perspectiva dêitica:

(15) “Acho que é uma sociedade *oprimida, induzida e conduzida* de acordo com a opinião da mídia nacional. Mas também somos extremamente *calorosos, bem humorados, alegres e amáveis*”. (EeB2).

Daqui é apenas um passo pequeno para projetar os adjetivos, que são mapeados aos brasileiros, à sociedade em si. Essa disposição à personificação e a plasticidade ligada a essa tendência reflete-se, sobretudo, nos lexemas ligados ao corpo cuja variedade, no corpus alemão, reduz-se aos lexemas *cabeça, pé, cara e testa*. Em contrapartida, no

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

corpus brasileiro, há 22 lexemas distintos que são usados para descrever a sociedade através do domínio CORPO. Aqui, alguns exemplos:

(16) reforma atinge todo o *arcabouço* da sociedade nacional (EeB3)

(17) saindo da *barriga* da família passando para a *barriga* da sociedade, né (EoB7,1)

(18) fica de *braços* cruzados esperando as coisas acontecer (EoB11,3)

(19) a distribuição seletiva de privilégios segundo rótulos de raça inocula na *circulação sanguínea* da sociedade o veneno do racismo (E3)

(20) Com o road map nas *mãos*, o caminho está dado. (ESP6)

Por detrás dessa preferência metafórica, ao mesmo tempo, há uma preferência trópica, uma vez que os exemplos muitas vezes implicam em uma combinação entre metáfora e metonímia,⁹ mais especificamente, o que GOOSSENS (1990) chama *metonymy within metaphor*. Por conseguinte, pode-se reconstruir o seguinte processo da metaforização:

Características e partes do corpo de uma pessoa	⇒	Metonimização	⇒	Metaforização	⇒	Sociedade possui características e partes do corpo como uma pessoa

Tais personificações dão um perfil nítido ao abstrato ‘sociedade’ e têm uma função concretizante pelo efeito de compressão que se vê na imagem.

Outra particularidade é o número alto de metáforas que são provenientes do domínio **teatro / palco**. Além de lexemas como *Akteur / ator, Bühne/palco, Rolle/papel, Theater/teatro* que se encontram nos dois corpora, há lexemas como *copiar, máscara, espelhar, fingir, fachada, quimera, dissimulação* etc., que servem a uma visualização da

⁹ Nas abordagens atuais, a visão tradicional de que seja possível uma distinção nítida entre as duas figuras trópicas, é substituída pela ideia de um contínuo (BARCELONA 2003) ou de uma interação entre as duas figuras (GOOSSENS 1990). Em princípio, o critério para a metáfora é a da similaridade construída, para a metonímia o da contiguidade. Destarte, intimidade, por exemplo, ou pode ser vista *como* proximidade (metáfora) ou *via* proximidade (metonímia) (STEEN 2007, 58).

falsidade e dissimulação da sociedade e que parecem apontar para um tópico cultural, a saber, o estilo barroco, onipresente na cultura brasileira (SCHRÖDER 2004; 2006). As metáforas atributivas – as *Attributionsmetaphern* (BALDAUF 1997: 79-92) – reforçam as personificações. De acordo com isso, a sociedade é descrita como *sombria, invisível, opaca, nebulosa, emaranhada, intransparente, moralmente cinzenta, kafkiana* etc., lexemas que foram agrupados no domínio **intransparência**.

Surge outra diferença no que diz respeito ao domínio fonte **guerra**: embora no corpus alemão, a elaboração lexical seja mais saliente, no corpus brasileiro, há um número significativamente maior de ocorrências, o que poderia ser explicado pela retórica da ‘luta das classes’, amplamente presente no discurso da esquerda (SCHRÖDER 2008). Sendo assim, por exemplo, no livro de CHAUI ET AL. (2006), o lexema-chave *luta/lutar*, no total, aparece 23 vezes, o lexema *movimento* 17 vezes. Apenas nesse livro, lexemas ligados ao domínio **guerra** fazem 41% de todas as expressões metafóricas em oposição a 15,9% no corpus brasileiro inteiro. Nesses contextos discursivos, surge também o subdomínio revolução, formado por lexemas semanticamente interligados como *revolução, lutar, escravo, marcha, militante, subjugar, explorar* etc., que faltam no corpus alemão.

Metáforas que não se encontram no corpus alemão, mas sim, no corpus brasileiro, vêm dos domínios alimentação e aprendizagem, que são culturalmente específicos. Descrever a sociedade brasileira em termos de um processo de aprendizagem representa um tópico que se vê em muitas abordagens sobre a própria identidade brasileira, no que tange à tematização de nação ainda muito jovem.¹⁰ A projeção da sociedade brasileira em imagens compactadas como *caldeirão, pizza, bolo* ou *coquetel* recorre ao esquema imagético **parte – todo**, o que poderia estar em conexão com o conceito da *miscigenação*: a identidade brasileira é composta por etnias distintas que se misturaram, gerando um ‘povo novo’ (RIBEIRO 1995), o que já se reflete em muitos títulos de livros.¹¹ Frequentemente, tais metáforas assumem uma função coesiva

¹⁰ Cf. entre outros, *Brasil, um país do futuro?* de Stefan ZWEIG (1941), *Fenomenologia do Brasileiro. Em Busca de um Novo Homem* de Vilém FLUSSER (1998), *Mundo nos Trópicos* de Gilderto FREYRE (1971).

¹¹ Cf. entre outros, *Manifesto Antropófago* de Oswald de ANDRADE (1995), *Brasil – Terra de Contrastes* de Roger BASTIDE (1971), *The Brazilian Puzzle* de David J. Hess & Roberto DAMATTA (1995), *O labirinto latino-americano* de Octavio IANNI (1993).

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

por serem *rapid, concise, and vivid* (PONTEROTTO 2003: 294). Sendo assim, elas introduzem um novo tópico.

Enquanto no corpus brasileiro, no domínio **flora**, a variação dos lexemas representa aproximadamente o dobro daquela do corpus alemão, essa relação se inverte, se olharmos para o domínio **edifício**. Aqui, o número da variação dos lexemas é mais alto no corpus alemão do que no corpus brasileiro. No uso dessa metáfora, também se pode observar uma maior criatividade, tornando a metáfora do **edifício** em uma analogia, por aprofundar certos esquemas imagéticos voltados para a topologia do domínio em questão. BUDE (2008), por exemplo, desenvolve a metáfora **casa da sociedade**, que pode ser vista como extensão e concretização proposicional do esquema **verticalidade** ou **hierarquia** e **contêiner**, combinada com o domínio fonte tradicional **edifício**. Isso acontece mais vezes no corpus alemão do que no corpus brasileiro no nível textológico, de modo que metáforas se tornam ‘isotexemas’ (PLETT 2001: 70-71), que podem até determinar toda a narração de um capítulo ou livro:

(22) *Im Haus* der Gesellschaft *bewohnen* beide Parteien [Unter- und Mittelschicht] ihre eigene *Etage*. Die einen müssen sich mit dem *Parterre* zufrieden geben, die anderen schielen auf die *Beletage*. [...] Die *Ausgeschlossenen*, um im Bild zu bleiben, gibt es *auf jeder Etage*. Sie drücken sich herum, solange es geht, *unten* vermutlich länger als *in der Mitte*. [...] Es kann aber passieren, daß ein Einzelner aufgrund eines “kritischen Lebensereignisses” *ins Strudeln* gerät und wegen Miet- und anderer Schulden *vor die Tür* gesetzt wird. Nach und nach sammeln sich die *Ausgeschlossenen im Flur* und wissen nicht mehr, wohin sie gehören. (BUDE 2008: 127)

(Na *casa* da sociedade, cada partido [a classe baixa e média] *mora* em seu próprio *andar*. Uns têm que *morar no térreo*, outros olham de soslaio para a *cobertura*. [...] Para continuar com essa imagem, os excluídos encontram-se *em qualquer andar*. Eles permanecem por *lá* o mais possível, provavelmente por mais tempo *embaixo* do que *no meio*. [...] Mas pode acontecer que uma única pessoa comece a *entrar em turbilhão* e seja *jogado para fora da porta* por causa de dívidas de aluguel e outras. Pouco a pouco, os excluídos se encontram *no corredor* e não sabem mais qual é o seu lugar.)

A densidade e o número de lexemas dos domínios **jogo / competição** são também mais altos no corpus alemão e a variação de lexemas do domínio **negócio / empresa** é até três vezes maior em comparação ao corpus brasileiro. Em expressões como “Karriere des

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

sozialen Ausschlusses” (“carreira da exclusão social”) (BUDE 2008: 18-19), “*Klienten des Wohlfahrtsstaates*” (clientes do estado de bem estar”) (Lessenich & Nullmeier 2006: 115), “*Wertehaushalt der deutschen Gesellschaft*” (orçamento de valores da sociedade alemã”) (NEUGEBAUER 2007: 27), “*Generationen-Buchhaltung*” (“geração de contabilidade”) (LESSENICH & NULLMEIER 2006: 123), “*Tiefenkrise der Deutschland AG*” (“crise profunda da Alemanha SA) (BECK 2005: 13) oder “*Neoliberale Gesellschaft mit begrenzter Haftung*” (“Sociedade neoliberal *de responsabilidade limitada*”) (FR4) vimos uma característica especial da discussão atual: o domínio fonte da economia predomina cada vez mais esferas da sociedade alemã e torna estudantes, eleitores e pacientes em clientes e consumidores, o que é ironizado aqui. No seguinte trecho, é tematizado explicitamente no capítulo *Verlierer – Gewinner (Perdedores – Ganhadores)* do livro de LESSENICH ET AL. (2006):

(23) Die ausufernde Gewinner/Verlierer-Semantik ist dabei vielfach an jene Stelle getreten, an der zuvor Ausdrücke wie ‚Benachteiligte‘ oder ‚sozial Schwache‘ gestanden haben. Im Sprachgebrauch des Sozialstaats wurde bei solchen Bezeichnungen die gesellschaftliche Verantwortung sozial stärkerer Gruppen immer schon mitgedacht – auch deshalb, weil die Schwachen nicht allein als haftbar für ihre Lage galten. Heute jedoch hat sich mit der allorts erhobenen Forderung nach ‚Eigenverantwortung‘ geradezu ein neuer Existentialismus verbreitet, der soziale Nachteile als falsche Entscheidungen individualisiert und keine ‚sozialen Umstände‘ mehr gelten lässt. (LESSENICH et al. 2006: 368-369)

(Nisso, a semântica transbordante do vencedor/vencido ocupa o lugar de expressões como ‘desfavoráveis’ ou ‘socialmente fracos’. No uso da língua do estado social, tais denominações sempre refletiram a responsabilidade de grupos socialmente mais fortes – também porque não era válido atribuir aos fracos toda a responsabilidade para a sua situação. Todavia, junto à exigência onipresente da ‘responsabilidade própria’, hoje, espalhou-se um novo existencialismo que individualiza desvantagens sociais como decisões falsas e não aceita mais ‘condições sociais’.)

Aqui se mostra uma característica do discurso alemão que metaforicamente se reflete no número alto de metáforas que vêm do domínio **observação**:¹² A metareflexão sobre o

¹² LAKOFF & JOHNSON (1999: 277) denominam essa perspectiva de fora, que é uma metaperspectiva, *The Objective Standpoint Metaphor* que é composta por *Container* e *Knowing Is Seeing*.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

discurso sobre ‘sociedade’ tem uma presença muito forte no corpus alemão. Por consequência, no corpus alemão, não apenas o número de lexemas ligados a esse domínio inclui cinco vezes mais expressões do que no corpus brasileiro, também a variação de lexemas, com uma relação de 23:5, é significativamente maior. Essa tendência também se revela nos comentários intertextuais que se referem à forma como as discussões sobre a sociedade são abordadas nos meios de comunicação de massa:

(24) Die Semantik der Unbeweglichkeit (LESSENICH ET AL. 2006: 338)
(A semântica da imobilidade)

(25) Um dann wie gewohnt die Zukunft beflügelt einzuschwärzen und anzuschwärzen (BECK 2005:7-8)
(para denegrir e pintar de preto o futuro como de costume)

(26) Alles durch die deutsche Brille zu betrachten (BECK 2005: 90)
(observar tudo através dos óculos alemães)

(27) Man hat ja immer nur 'nen ganz bestimmten *Blickwinkel*, 'nen ganz bestimmten *Ausschnitt* von dem, was man so mitkriegt von der Gesellschaft (EoD3,1)
(Sempre, tem-se apenas uma certa *perspectiva*, um certo *recorte* daquilo que se percebe da sociedade)

(28) Es wird gern ein *düsteres Bild* von der Lebenssituation der Menschen *gezeichnet* (W11)
(Gosta-se de *pintar* uma *imagem sombria* da situação da vida das pessoas)

3.3 Classes de palavra no uso da linguagem metafórica

Como STEEN (2002, 2004) enfatiza, é relevante qual o tipo de palavra ao qual uma metáfora pode ser agrupada, uma vez que isso tem influência sobre o efeito que a metáfora causa no receptor. Por isso, os lexemas dos domínios conceptuais foram classificados segundo as classes de palavra que eles representam, a saber, segundo substantivo, adjetivo e verbo. As partículas adverbiais que têm uma função crucial no caso dos esquemas imagéticos não foram contadas aqui. De fato, uma breve análise dos

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

lexemas (*types*) não revelou oposições cruciais, não obstante haver algumas nuances elucidativas no que concerne à distribuição dos lexemas nessas três classes distintas:

Classe de palavra	Brasil		Alemanha	
	Número absoluto	Número percentual	Número absoluto	Número percentual
SUBSTANTIVOS	332	58,2	402	56,6
VERBOS	148	26,0	231	32,5
ADJETIVOS	90	15,8	77	10,8
TOTAL	570	100,0	710	100,0

Tabela 7: Metáforas por classe de palavra

Enquanto a parte percentual de substantivos é mais ou menos igual – embora uma parte significativa dos substantivos alemães seja composta por verbos substantivados – no corpus alemão encontram-se mais metáforas verbais, ao passo que, no corpus brasileiro, há mais metáforas de adjetivos. Essa quota maior de metáforas de adjetivos pode ser vista junto com o alto grau de personificação, na qual características variadas são atribuídas à sociedade como se fosse uma pessoa. Metáforas de adjetivos servem à coloração (*Ausmalung*) e acessam as emoções do receptor (KOHL 2007: 48). O fato de essa tendência ser mais forte no corpus brasileiro pode estar interligado ao estilo mais barroco, como já foi mencionado anteriormente. Segundo o estudo de WINDFUHR (1966: 49-77) a preferência pela metáfora nominal e adjetival é típica do barroco, tendo uma função mais ornamental. A animação do construto abstrato 'sociedade', no corpus brasileiro, frequentemente abre espaço para a analogia com a metáfora ampliada, ou seja, uma narração metafórica (KOHL 2007: 87). Analogias e comparações que se baseiam em personificações foram usadas 17 vezes no corpus brasileiro, mas apenas cinco vezes no corpus alemão. Com tais imagens comprimidas, muitas vezes, os autores conseguem gerar uma atmosfera que evoca narrações conhecidas:

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

(29) Podemos responder, dizendo que o “*gigante pela própria natureza*” não ficou “*deitado eternamente em berço esplêndido*”, na simbologia palavrosa do hino nacional. O *gigante caminhou, tropeçou e hoje tateia, incerto, buscando novos rumos*. (REIS VELLOSO ET AL. 2006: 96)

(30) que talvez um dia o país possa deixar de caber na seguinte descrição do escritor Paulo Mendes Campos: “Imaginemos um *ser humano monstruoso* que tivesse a metade da *cabeça* tomada por um *tumor*, mas o *cérebro* funcionando bem; um *pulmão sadio*, o outro *comido pela tísica*; um *braço ressequido*, o outro *vigoroso*; uma *orelha lesada*, a outra *perfeita*; o *estômago* em ótimas *condições*, o *intestino carcomido* de *vermes*. Esse *monstro* é o Brasil: falta-lhe alarmantemente o mínimo de uniformidade social” (V7)

Em oposição, metáforas verbais dinamizam a imagem e exigem a colaboração imaginativa nos processos mentais. Sociedade é mais vista como um local, no qual há ações, e não como uma pessoa com características fixas. Especialmente na análise dos esquemas imagéticos compostos e dinâmicos, esse aspecto vem à tona, como vimos anteriormente. No corpus alemão, todavia, mesmo como pessoa, a sociedade é esboçada mais frequentemente como agente ativo do que como possuidor de características. Sendo assim, no total, no corpus brasileiro, encontram-se 66 lexemas atributivos para descrever a sociedade como *alegre, afetiva, virtuosa, violenta, tranquila, sábia, quente, queixosa, preconceituosa, perversa, mentirosa, lúdica, malandra, hipócrita, invejosa, intimista, cordial, contente, criminosa* etc., contrariamente, no corpus alemão, apenas 33. No entanto, desses 33 lexemas, mais da metade não exprime disposições emocionais, mas sim atitudes em relação ao outro: a sociedade é descrita como *weltoffen (aberta ao mundo), intolerant (intolerante), solidarisch (solidária), oberflächlich (superficial), rentnerfeindlich (hostil aos aposentados), kinderfeindlich (hostil a crianças), egoistisch (egoísta), engstirnig (tapada)* etc. As outras personificações referem-se a ações: a sociedade “*sieht schwarz*” (“é pessimista”), “*will Ungerechtigkeiten nicht wahrhaben*” (“não quer admitir desigualdades”), “*kommt in die Jahre*” (“envelhece”), “*diskutiert über sich selbst*” (“discute sobre si mesmo”), “*verhält sich friedlich*” (“comporta-se pacificamente”) oder “*denkt nur an ihre eigene Person*” (“pensa apenas em si mesma”).¹³ Ademais, o que chama atenção é que, no corpus

¹³ Nisso, poderia se tratar também de um fenômeno da relatividade cultural, que talvez se interligue a diferenças face a línguas anglo-germânicas e línguas românicas em geral. Em seu estudo no qual se pediu

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

brasileiro, muitas vezes prefixos de negação são usados para a descrição da sociedade como *injusta*, *desigual* e *antiliberal* ou partículas de negação como *não solidária*, *sem memória*. Às vezes, as pessoas apontam a ausência de certas características que elas gostariam de ver na sociedade brasileira: *falta de senso coletivo*, *ausência de justiça* etc.

3.4 Funções e modelos do pensamento de metáforas conceptuais

Metáforas podem assumir diversas funções comunicativas: informativas, expressivas, apelativas, metacomunicativas, heurísticas, estéticas, fáticas, catacréticas, epistêmicas, ilustrativas, argumentativas ou sócio-regulativas. A pergunta pela intenção comunicativa se coloca especialmente acerca dos livros e artigos analisados. Pois nesses dois corpora, metáforas não raramente servem para constituir narrações superordenadas, modelos cognitivos ou fórmulas de sentido e padrões de orientação em construir seu domínio alvo de modo discursivo seguindo, ao mesmo tempo, certos valores e ideias sobre o mundo (GEIDECK & LIEBERT 2003, MUSOLFF 2004). Nos dois corpora, três metáforas destacam-se pelo fato de incluírem certos efeitos de *highlighting* e *hiding* (LAKOFF & JOHNSON 1980: 10-12, 67), oferecendo estratégias de comunicação tanto para o lado conversacional e neoliberal, como para o lado solidário-social. Nisso, pode-se observar muitos paralelos entre os dois corpora.

A metáfora da **família** como modelo para a sociedade negativamente conotado encontra-se primordialmente em artigos e livros que têm uma tendência a posturas conservadoras ou neoliberais, opondo-se ao \emptyset modelo social-democrático do *Nurturant Parent Model* (LAKOFF 1995):

(31) Mas o mesmo *pai* que falha ao *cuidar dos filhos* (ALMEIDA 2007: 92)

a crianças inglesas, alemãs, espanholas e israelenses para renarrarem uma estória em quadrinhos, SLOBIN (1996) chega a uma conclusão semelhante no que concerne à relatividade de expressão. Enquanto as crianças espanholas optaram por narrar um cenário no qual predominaram descrições locais e estáticas, focalizando mais o pano de fundo da estória, as narrações inglesas e alemãs incluíram mais verbos de movimento com uma dinâmica direcional.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

(32) Grande parte dessa camada social encontrou *abrigo sob os seios generosos* do Estado (REIS VELLOSO ET AL. 2006: 51)

(33) Kann eine Gesellschaft auf Dauer aushalten, dass viele keine Chance mehr für sich sehen und in eine apathische *Alimentierungsmentalität* verfallen? (W31)

(Uma sociedade consegue sustentar para sempre o fato de muitos dos seus membros não verem mais chances de se sustentarem e caírem em uma *mentalidade de pensão alimentícia*?)

Além desse paralelo, no corpus alemão, algumas das contribuições da esquerda também recorrem à mesma metáfora, todavia, elas a colocam em uma conexão diferente, buscando se livrar da acusação inerente a essa argumentação como preconceito inconsistente. Sendo assim, LESSENICH ET AL. (2006) caricatura essa imagem de modo sarcástico:

(34) “... jene Vertreter einer Neubürgerlichen Kulturelite, die die sozioökonomischen Umbrüche des flexiblen Kapitalismus als Gelegenheitsstruktur für eine Remoralisierung und *Rückeroziehung* der – so die Vorstellung – *überalimentierten* und bewegungsarmen, Unterschichten‘ nutzen” (LESSENICH ET AL. 2006: 349).

(... tais representantes de uma elite cultural dos novos burgueses que aproveitam as mudanças sócio-econômicos do capitalismo flexível como estrutura ocasional para uma remoralização e *reeducação* – é essa a ideia – das ‘classes baixas’ *superalimentadas* e imóveis.”)

A acusação da passividade e imobilidade presente nessa metáfora da família também se vê na imagem cunhada pelo neoliberalismo da **sociedade** como **paciente doente**: em conformidade com isso, a sociedade seria “*apathisch*” (“apática”), “*depressiv*” (“depressiva”), teria “*Angstsyndrom*” (“síndrome do medo”), seria “*von einem Bazillus befallen*” (“atacada por um bacilo”), sofreria de uma “*Gedankenstarre*” (“rigidez de pensamento”) ou de um “*Handikap*” (“aleijão”), de uma “*Lähmung*” (“paralisia”) e “*Lethargie*” (“letargia”), seria “*von Krankheiten befallen*” (“atacada por doenças”) etc.

No corpus brasileiro, as doenças vão além do sofrimento meramente psíquico e o diagnóstico é de doenças crônicas e incuráveis. O que domina são metáforas da desagregação corporal integral, referindo-se sempre à história toda de uma sociedade

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

que teve como ponto de partida a desigualdade e a escravidão: portanto, os diagnósticos chamam-se “cegueira”, “física”, “anemia”, “câncer”; a sociedade seria “contaminada” e “carcomida de vermes”, cheia de “fraturas”, “inchaços”, “infecções” e “feridas”; nela, “vicejam tumores”. A falta de vitalidade que se exprime pela metáfora do **paciente doente** não permite o advento social – como projeto utópico da esquerda –, nem a ligação ao ‘Primeiro Mundo’ – como visão pragmática das forças neoliberais:

(35) Acredito que seja a *apatia*. Todos os outros *males* de nossa sociedade (fome, miséria, corrupção, violência, etc.) só existem devido a nossa passividade. (EeB7)

(36) A *debilidade* do ensino no Brasil está na origem da desigualdade social do país (FSP6)

(37) É o Brasil em que *vicejam* o patrimonialismo, o corporativismo, o populismo e outras velhas práticas de efeito *paralisante* (V2)

(38) A associação entre *anemia* econômica e expansão da proteção social produziu distorções (FSP3)

(39) um clima *psicosocial* de *desânimo*, de *derrota* (CHAÚÍ ET AL. 2006: 150)

Correspondendo a essa passividade do paciente doente, nos dois corpora surge o esquema do CAMINHO, tanto no discurso sócio-crítico quanto no discurso conservador e neoliberal; porém, o foco (*highlighting*) é diferente: enquanto o discurso sócio-crítico tematiza aqueles que *ficaram para trás*, as vozes conservadoras estão mais preocupadas com a *mudança do caminho* certo e os representantes neoliberais reclamam da *baixa velocidade* :

(40) Der Zug ist tatsächlich auf einem Gleis, auf das er nicht gehört. Aber irgendwo in der Ferne kommt noch einmal eine Weiche, und die können wir umstellen. (S6)¹⁴

(De fato, o trem está num trilho ao qual não pertence. Mas de algum lugar distante, um dia, ainda virá uma via, e nós podemos mudar essa via.)

14 FRANK SCHIRRMACHER sobre seu livro *Minimum-Gesellschaft* em uma entrevista à revista SPIEGEL.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

(41) Der Zug fährt schon seit Jahren in die falsche Richtung - und wenig ist passiert. (W31)

(Já há muitos anos, o trem tomou a direção errada – e pouco acontece.)

(42) Ich glaube, das ist etwas, was vielen Deutschen noch sehr schwer fällt, da selber was in die Hand zu nehmen, sich selber für fähig zu halten, was nach vorne zu treiben, weil man da in Deutschland auch oft gehemmt wird (EoA11)

(Acho que isso é algo que é muito difícil para muitos alemães, resolver as coisas por conta própria, considerar-se capaz a levar as coisas para frente, pois na Alemanha, as pessoas frequentemente são tolhidas.)

(43) abgehängtes Prekariat (NEUGEBAUER 2007: 82)

(precariado desconectado)

(44) “Slow-Motion-Society” (STEINGART 2005: 63)

(45) So entsteht, was man in der Soziologie städtische Unterschicht nennt: vom ersten Arbeitsmarkt abgekoppelt, vom gesellschaftlichen Reichtum ausgeschlossen, auf sich selbst und die jeweiligen ethnischen, religiösen und Geschlechteridentitäten zurückgeworfen. [...] Nur so könne man verhindern, dass ein Bildungsproletariat entsteht, das den sozialen Anschluss verliert (T18)

(É assim que se desenvolve o que se chama classe baixa urbana na sociologia: desconectada do primeiro mercado do trabalho, excluída da riqueza da sociedade, largada para trás e entregue a si mesma e às respectivas identidades étnicas, religiosas e sexuais. [...] Só assim que é que se pode evitar que surja um proletariado educacional que perca a conexão)

(46) para *frear* uma classe dominante *sem freios* (CHAUÍ ET AL. 2006: 42)

(47) O Brasil *caminha* muito *vagarosamente na direção* da modernidade (ALMEIDA 2007: 128)

(48) o país está em transformação e que ela depende das salas de aula. O *avião decolou* e está em *velocidade de cruzeiro*. A *velocidade* pode *aumentar*, mas o *vôo não sofrerá uma pane*. (ALMEIDA 2007: 21)

3.5 Formação e condensação de metáforas sistemáticas no contexto discursivo

Buscando uma superação da estática e unidirecionalidade da teoria conceptual da metáfora na tradição de LAKOFF & JOHNSON, Lynne CAMERON dirige sua atenção à metáfora no discurso definindo-a como *shifting, dynamic phenomenon that spreads, connects, and disconnects with other thoughts and other speakers, starts and restarts, flows through talk developing, extending, changing. Metaphor in talk both shapes the ongoing talk and is shaped by it.* (CAMERON 2008: 197). Focalizando a formação e a condensação de metáforas no discurso, ela introduz o conceito da 'metáfora sistemática', que se opõe àquele da 'metáfora conceptual', pois representa a metáfora como produto que surge da interação discursiva como *set of semantically-connected (vehicle) terms used across a discourse event or text to refer to a connected set of topics* (CAMERON 2007: 131). Em seguida, ela ilustra esse aspecto através de uma análise de expressões metafóricas extraídas de uma conversa gravada entre um terrorista e a filha da vítima. Ambos se encontram vinte anos depois do crime para falar sobre os acontecimentos. Cameron chega à conclusão de que as metáforas usadas não são distribuídas de forma linear, mas sim, surgem em certos momentos, nos quais elas tendem a formar feixes (*cluster*). Através de uma análise indutiva, Cameron frisa que a conversa se constitui por meio de uma metáfora-chave que ela denomina RECONCILIATION INVOLVES CHANGING A DISTORTED IMAGE OF THE OTHER, contrastando-a com a metáfora mais genérica, UNDERSTANDING IS SEEING, na terminologia de LAKOFF & JOHNSON. Aí, ela revela que, no discurso real, não apenas vemos expressões que reproduzem essas metáforas conceptuais idealizadas, mas sim que discurso e contexto influenciam ao mesmo tempo o nível cognitivo. Do ponto de vista de STEEN (2007: 271), também podemos falar de cenários que são realizados através de *metaphoric chains*, desdobrando-se, por exemplo, no decorrer de um artigo jornalístico inteiro. Nisso, o papel coesivo da metáfora vem à tona (PONTEROTTO 2003).

Em seguida, mostrar-se-á esse efeito por meio de dois exemplos de cada corpus que foram considerados como exemplos prototípicos que refletem certas tendências da cultura em questão. O primeiro exemplo – um trecho alemão de uma entrevista oral – demonstra o desdobramento de uma metáfora do domínio **observação** que se mescla

com os esquemas imagéticos **contêiner** e **parte – todo**. Pelas particularidades do discurso e do contexto em si, chegamos a uma metáfora sistemática que pode ser formulada como **Minha relação com a sociedade alemã é uma relação de um observador que, às vezes, está dentro e, às vezes, está fora do contêiner olhando para dentro:**

(49) I: Wie seht ihr euch im Verhältnis zur deutschen Gesellschaft?

5,1: “*Beobachtend*” ist das erste Wort, das mir einfällt, obwohl das eigentlich... also ich bin ja *Teil* auch, aber, ich hab das grad wieder gemerkt, ich kann sehr viel analysieren, also *ich guck mir das an*.

5,2: Ich bin auch *Teil davon* und denke eher: Eigentlich *steh* ich meinem Gefühl nach irgendwie *außen*, irgendwie *draußen*, *guck drauf*, also *nirgendwo*, also ich würde keinen *Teil* finden können, wo ich sagen würde, da fühl ich mich wirklich *zugehörig*. Da wüsst ich auch nicht, *wo ich mich hinsortieren sollte*. Also ich hab so dieses Gefühl, ich bin *in diesen Strukturen* und das weiß ich auch, und ich weiß auch, wie die funktionieren, aber es ist nicht so was von hundert Prozent meins, oder da bin ich so *drin aufgegangen* oder so.

5,1: Was den Spießigkeitsfaktor angeht, hab ich mich mächtig in Richtung Spießigkeit entwickelt. Da merk ich, dass ich so *Teil von* bestimmten Sachen bin. Und wenn ich mir dann anmaßen würde, ich *beobachte* das noch, das wär echt ne Anmaßung, oder ich *beobachte* es nur, das wär ne Anmaßung. [...] Ich glaub ich hab ja gestern gesagt, ich geh nicht mehr wählen, und das ist glaub ich auch *ein Schritt raus* oder *daneben*. (EoA5)

(I: Como vocês veem sua relação com a sociedade alemã?

5,1: “*Observador*” é a primeira palavra que passa pela minha cabeça, embora... então, eu seja também *parte*, mas, acabei percebendo isso novamente, posso analisar muito, então *estou olhando para* ela.)

5.2 Eu também sou *uma parte disso* e penso mais assim: No fundo, pelo que sinto, de alguma forma, *estou fora*, de alguma forma *fora olhando para cima*, então *em lugar nenhum*, não encontraria nenhuma *parte* da qual poderia dizer, sinto-me realmente como *fazendo parte disso*. Também não saberia *onde* me deveria *agrupar*. Então, sinto que estou nessas estruturas e também estou consciente disso, e também sei como elas funcionam, mas não é assim, cem por cento meu, ou que eu esteja me realizando nisso, algo desse tipo.

5,1: Com relação ao fator burguês, acho que me desenvolvi muito em direção à burguesia. Aí, percebo que sou *parte de* certas coisas. E se assim, me atreveria a dizer que apenas *estou observando*, realmente seria muita arrogância, ou seja, dizer, que *estou apenas observando isso*, seria uma arrogância. [...] Acho que falei isso ontem, não vou mais votar e acho que isso significa também *um passo para fora* ou *ao lado* da sociedade.)

Um cenário típico brasileiro que exemplificaremos em seguida baseia-se na combinação de **personificação, processo infantil de aprendizagem, falta de orientação psíquica** e do esquema imagético **caminho** construindo a metáfora sistemática **A sociedade brasileira é uma criança perdida que ainda não cresceu o bastante para achar seu caminho**. Concomitantemente, no trecho escolhido, o estilo redundante é muito saliente, uma característica típica da fala brasileira (SCHRÖDER 2003: 156-158), de modo que a cadeia metafórica não se desenvolve apenas por meio de relexicalização, mas sim, ao mesmo tempo e de forma marcante, por meio de repetição verbal. Também poder-se-á perceber no que foi mencionado acima a visão da própria sociedade dada através de características que estão ausentes, mas são desejáveis:

(50) 4,1: A sociedade brasileira, pra mim... pra mim, é um reflexo direto da forma como ela *nasceu*, da forma como ela foi *recriada*, né?

4, 2: uma grande sociedade, a nível de organização, que cada dia *aprende* mais, mas eu acho que o que mais... É... Isso falando das coisas boas, né? Que é uma sociedade que *vive no* clima tropical. [...] Ela *carrega* esse estigma da colônia, por que ela não *conversa entre si*. [...] Então, é uma sociedade que até hoje ainda não *sabe se definir* basicamente. Só sabe *se definir* que é brasileira. Mas definir mesmo que *rumo tomar*, quais são suas verdadeiras origens, a sociedade *se perde* nisso. Ela ainda tá *rodando em si*, como não *se achou*. Então, a coisa que falha que eu acho que é uma das partes ruins da sociedade brasileira que ela não *consegue se organizar*, por que ela não *consegue conversar entre si*. Ela não *consegue se comunicar*, né? [...] O país ainda tá *aprendendo a andar*, tá *aprendendo a lutar*, já que ele não *sabe* ainda [...] Agora o país tem que *aprender conviver* com essa diferença e *se comunicar*. Que *se comunicar* ela vai... Ela vai resolver os problemas. [...] ela é *fachada*, ela é... Ela é *mentirosa*, ela é só para inibir um povo que... É igual eu falei, ela é sem *educação*. E não *tem educação de questionar*, de *mudar*. Num tipo de sociedade que tá *acomodada*. [...] Tem que *aprender com...* com... É obvio, tem que *aprender com* sociedades mais estruturadas a se estruturar, por que o país não *tá aprendendo* e até hoje não *aprendeu*. [...] Tem que *aprender* muito ainda. [...] Que o Brasil tinha que *cuidar* mais dele. [...] Como ele não *aprende consigo próprio*, tem que *aprender com alguém* aí, ué... Por que... O país não *sabe gostar de si mesmo*. O... A própria sociedade brasileira, ela gosta por que... É *omissa*, né? É *omissa*. (EoB4)

Dessa forma, a metáfora sistemática pode assumir a função de constituir um quadro narrativo principal para uma unidade discursiva, o que também se reflete nos outros gêneros textuais. Destarte, muitas vezes, o tópico do cenário metafórico já aparece nas manchetes dos artigos jornalísticos chamando a atenção e focalizando um aspecto

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

específico, antecipando a narração em si. Isso permite a concentração de recursos cognitivos aos aspectos mais relevantes para o autor, o que ao mesmo tempo cobre outros aspectos do assunto em questão. Algumas manchetes e títulos de capítulos de livros do nosso corpus são *Ansteckungsängste (Medo de Contaminação)* (BUDE 2008: 113-119), *Gewinner, Verlierer (Vencedores, Perdedores)* (LESSENICH ET AL. 2006: 353-371), *Barreira na elite* (FSP2), *Segurança, melancolia e inércia* (FSP 11), *Viciados em Estado* (V4), *As pirâmides perpétuas de Faraó* (ESP3), *Im Zentrum der Fliehkräfte (No Centro das Forças Centrífugas)* (T3) e *Die Überflüssigen (Os Supérfluos)* (S2).

4. Conclusão

Apesar de muitos paralelos que se revelaram especialmente na parte quantitativa do estudo, ilustramos como é necessária uma observação mais profunda e contextualizada para trazer à luz diferenças ligadas à respectiva cultura. Em um primeiro passo, seguimos uma análise mais extracomunicativa ao mostrar quais as diferenças que surgem, menos em relação a domínios fonte distintos e mais ao uso quantitativo de certas expressões metafóricas que podem ser associadas a uma certa metáfora conceptual que se manifesta na elaboração lexical do domínio cognitivo em questão. Por fim, no micronível da análise, que também avançou para uma perspectiva mais comunicativa, vimos como, no uso discursivo, configurações metafóricas favorecem certos efeitos de *highlighting* e *hiding* que, por sua vez, são entrelaçadas com certas posições ideológicas que procuram seguir fins estratégicos e causar certas emoções. Ademais, mostrou-se que tais configurações metafóricas, no uso autêntico, sobrepõem-se, desdobrando-se como mesclagens complexas, de modo que nunca são totalmente prefiguradas como, em muitos momentos, sugere a semântica cognitiva segundo LAKOFF & JOHNSON. Atendendo a certas intenções comunicativas no discurso, 'metáforas sistemáticas' emergem com base em uma densidade alta de lexemas da mesma origem, assumindo um papel coesivo. De forma similar, em cenários metafóricos mais complexos, percebem-se extensões, nas quais feixes de metáforas formam alegorias ou narrações analógicas, comprimindo domínios input distintos em uma rede de integração complexa. Tais tendências, em alto índice, apontam para a necessidade de completar a perspectiva extracomunicativa do nosso primeiro passo – a

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

sistematização e investigação quantitativa dos resultados – por um segundo passo, guiado por uma perspectiva comunicativa na qual sejam focalizadas as funções distintas que as metáforas podem assumir em uma situação comunicativa específica e culturalmente encaixada.

Ao concluir, os resultados mais importantes com relação a uma comparação intercultural incluem as seguintes observações:

Enquanto no corpus brasileiro os esquemas imagéticos, muitas vezes, continuam estáticos, no corpus alemão são mais dinamizados e animados, o que indica uma percepção divergente no que diz respeito às respectivas descrições da sociedade: a ênfase no corpus brasileiro está na continuidade da estrutura da sociedade, ao passo que, no corpus alemão, o foco está nas mudanças pelas quais a sociedade inteira está passando, o que causa preocupações, uma vez que essas transformações são interpretadas como uma despedida do modelo do estado social vigente até então.

No corpus alemão há obviamente uma tendência maior a construções metafóricas com topologias bem estruturadas, ao contrário do corpus brasileiro, no qual se percebem mais personificações comprimindo a ideia sobre a sociedade em uma imagem bem plástica.

No corpus brasileiro, é mais frequente a preferência por metáforas dos domínios **flora, teatro / palco, família ou guerra**, enquanto que, no corpus alemão, os domínios **negócio, edifício, jogo / competição, observação** são mais salientados. Além disso, o domínio da **observação** aponta uma alta autorreferencialidade e intertextualidade na discussão sobre a sociedade alemã.

No corpus alemão, observa-se um uso maior de metáforas verbais, ao passo que no corpus brasileiro metáforas de adjetivos e metonímias são mais frequentes.

5. Anexo: Abreviações

- Z12 DIE ZEIT: *Die Angst geht um*, 5.03.2008.
 Z32 DIE ZEIT, *Die neue Unterschicht*, 10.3.2006.
 S2 DER SPIEGEL: *Die Überflüssigen*, 23.10.2006.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

- S6 DER SPIEGEL: "*Wir wurden umprogrammiert*", 06.03.2006.
- S8 DER SPIEGEL: *Der große Graben*, 17.12.2007
- FR4 Frankfurter Rundschau: *Es geht ans Eingemachte*, 14.9.2006.
- T3 TAZ: *Im Zentrum der Fliehkräfte*, 15.12.2006.
- T18 TAZ: *Vom Bildungsverlierer zum Arbeitslosen*, 16.03.2007.
- W11 Die Welt: *Deutsche fühlen sich arm – doch allen geht's gut*, 24.7.2008.
- W31 Die Welt: "*Viele verfallen in eine Alimentierungsmentalität*", 21.10.2006.
- EoA3,1 Entrevista oral Alemanha: feminino, 36 anos, programadora de aplicação.
- EoA5,1 Entrevista oral Alemanha: masculino, 32 anos, pedagogo social.
- EoA5,2 Entrevista oral Alemanha: masculino, 40 anos, pedagogo.
- EoA10 Entrevista oral Alemanha: feminino, 36 anos, desempregada.
- EoA11 Entrevista oral Alemanha: feminino, 34 anos, gráfica.
- V1 Veja: *Congelaram a Classe Média*, 20.12.2006.
- V2 Veja: *O Desafio dos dois Brasis*, 01.11.2006.
- V4 Veja: *Viciados em Estado. Entrevista: Armínio Fraga*, 17.01.2007.
- V7 Veja: *Como pensam os brasileiros*, 22.08.2007.
- ESP3 Estado de São Paulo: *As pirâmides perpétuas de Faoro*, 25.01.2008.
- ESP6 Estado de São Paulo: *Brasil, junção de três rios*, 18.05.2008.
- ESP10 Estado de São Paulo: *Racialização do Estado e do conflito*, 19.08.2007.
- E3 Época: Manifesto: *Cento e treze cidadãos anti-racistas contra as leis raciais*, 21.04.2008.
- FSP2 Folha de São Paulo: *Barreira na elite*, 21.11.2006.
- FSP3 Folha de São Paulo: *Pobres empregados*, 14.11.2006.
- FSP6 Folha de São Paulo: *Ensino débil explica desigualdade do país, dizem economistas*, 23.09.2006.
- EoB4,1 Entrevista oral Brasil: masculino, 25 anos, cantor.
- EoB4,2 Entrevista oral Brasil: masculino, 30 anos, produtor musical.
- EoB6,1 Entrevista oral Brasilien: femino, 32 anos, estudante de alemão.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

- EoB6,2 Entrevista oral Brasil: masculino, 26 anos, estudante de alemão.
- EoB7,1 Entrevista oral Brasil: masculino, 33 anos, pizzaiolo.
- EoB11,3 Entrevista oral Brasil: feminino, 38 anos, servidora pública.
- EeB2 Entrevista escrita Brasil: masculino, 26 anos, administrador de empresas.
- EeB3 Entrevista escrita Brasil: feminino, 40 anos, jornalista.
- EeB7 Entrevista escrita Brasil: männlich, 25 anos, estudante de psicologia.

6. Referências bibliográficas

- ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago”. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas. Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, 142-147.
- BALDAUF, Christa. *Metapher und Kognition. Grundlagen einer neuen Theorie der Alltagsmetapher*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997.
- BARANOV, Anatolij & ZINKEN, Jörg. “Die metaphorische Struktur des öffentlichen Diskurses in Russland und Deutschland: Perestrojka- und Wende-Periode”. In: SYMANZIK, Bernd; BIRKFELLNER, Gerhard & SPROEDE, Alfred. *Metapher, Bild und Figur. Osteuropäische Sprach- und Symbolwelten*. Hamburg: Kovač, 2003, 93-121.
- BARCELONA, Antonio. “On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor.” In: BARCELONA, Antonio. *Metaphor and metonymy at the crossroads: A cognitive perspective*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003, 31-58.
- BASTIDE, Roger. *Brasil – Terra de Contrastes*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- BECKMANN, Susanne. *Die Grammatik der Metapher. Eine gebrauchstheoretische Untersuchung des metaphorischen Sprechens*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001.
- CAMERON, Lynne. “Metaphor and talk”. In: GIBBS, Raymond W. Jr. *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, 197-211.
- CAMERON, Lynne. “Confrontation or complementarity? Metaphor in language use and cognitive metaphor theory”. In: *Annual Review of Cognitive Linguistics* 5, 2007, 107-135.
- CIENKI, Alan. “Some properties and groupings of image schemas”. In: VERSPOOR, Marjolijn; LEE, Kee-Dong & SWEETSER, Eve. *Lexical and Syntactical*

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

Constructions and the Construction of Meaning. Amsterdam: John Benjamins, 1997, 3-15.

FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. "Rethinking Metaphor". In: GIBBS, Raymond W. Jr. *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, 53-66.

FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do Brasileiro. Em Busca de um Novo Homem*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Nôvo Mundo nos Trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

FUCHS, Peter. *Die Erreichbarkeit der Gesellschaft. Zur Konstruktion und Imagination gesellschaftlicher Einheit*. Frankfurt: Suhrkamp, 1992.

GEIDECK, Susan & LIEBERT, Wolf-Andreas. *Sinnformeln. Linguistische und soziologische Analysen von Leitbildern, Metaphern und anderen kollektiven Orientierungsmustern*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2003.

GIBBS, Raymond W. Jr. "The psychological status of image schemas". In: HAMPE, Beate & GRADY, Joseph E. *From Perception to Meaning. Image Schemas in Cognitive Linguistics*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2005, 113-135.

GOOSSENS, Louis. "Metaphonymy: The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action". In: *Cognitive Linguistics*, 1, 1990, 323-340.

HESS, David J. & DAMATTA, Roberto A. *The Brazilian Puzzle. Culture on the Borderlands of the Western World*. New York: Columbia University Press, 1995.

IANNI, Octavio. *O labirinto latino-americano*. Petrópolis: Vozes, 1993.

JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KIMMEL, Michael. "Culture regained: situated and compound image schemas". In: HAMPE, Beate & GRADY, Joseph E. *From Perception to Meaning. Image Schemas in Cognitive Linguistics*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2005, 285-311.

KOHL, Katrin. *Metapher*. Stuttgart, Weimar: Metzler, 2007.

KÖVECSES, Zoltán. *Language, Mind, and Culture. A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in Culture. Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, George. *Moral Politics: What Conservatives Know That Liberals Don't*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

- LAKOFF, George. "The contemporary theory of metaphor". In: ORTONY, Andrew. *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, 202-251.
- LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh. The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books 1999.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LÜDEMANN, Susanne. *Metaphern der Gesellschaft. Studien zum soziologischen und politischen Imaginären*. München: Wilhelm Fink, 2004.
- MUSOLFF, Andreas. *Metaphor and political discourse: Analogical reasoning in debates about Europe*. Houndmills, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.
- PLETT, Heinrich F. *Einführung in die rhetorische Textanalyse*. Hamburg: Buske, 2001.
- PONTEROTTO, Diane. "The cohesive role of metaphor in discourse and conversation". In: BARCELONA, Antonio. *Metaphor and metonymy at the crossroads: A cognitive perspective*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003, 283-298.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHRÖDER, Ulrike. "Preferential Metaphorical Conceptualizations in Everyday Discourse About Love in the Brazilian and German Speech Communities". In: *Metaphor and Symbol*, 24/2, 2009, 105-120.
- SCHRÖDER, Ulrike. "Tendenzen gegenläufiger Reterritorialisierungen in brasilianischen und deutschen Rap-Texten". In: *Lusorama*, 71-72, 2007, 93-119.
- SCHRÖDER, Ulrike. "Deutsche und brasilianische Kommunikationsstile im interkulturellen Vergleich". In: *ZFAL Zeitschrift für Angewandte Linguistik*, 2, 2006, 49-69.
- SCHRÖDER, Ulrike. "O ator e o espectador. Sobre as diferentes funções da linguagem na apresentação de si mesmo no Brasil e na Alemanha". In: *Pandaemonium Germanicum – revista de estudos germanísticos*, 8, 2004, 235-261.
- SCHRÖDER, Ulrike. *Brasilianische und deutsche Wirklichkeiten. Eine vergleichende Fallstudie zu kommunikativ erzeugten Sinnwelten*. Wiesbaden: Deutscher Universitätsverlag, 2003.
- SEMINO, Elena, HEYWOOD, John & SHORT, Mick. "Methodological problems in the analysis of metaphors in a corpus of conversations about cancer". In: *Jornal of Pragmatics*, 36, 2004, 1271-1294.
- SINHA, Chris & JENSEN DE LÓPEZ, Kristine. "Language, culture and the embodiment of spatial cognition". In: *Cognitive Linguistics*, 11, 2000, 17-41.
- SLOBIN, Dan I. "From 'Thought and Language' to 'Thinking for Speaking'". In: GUMPERZ, John & LEVINSON, Stephen C. *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, 70-96.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

- STEEN, Gerard. *Finding Metaphor in Grammar and Usage*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2007.
- STEEN, Gerard. "Can discourse properties of metaphor affect metaphor recognition?" In: *Journal of Pragmatics* 36, 2004, 1295-1313.
- STEEN, Gerard. "Identifying Metaphor in Language: A Cognitive Approach". In: *Style* 36, 3, 2002, 386-407.
- WEINRICH, Harald. *Sprache in Texten*. Stuttgart: Ernst Klett, 1976.
- WINDFUHR, Manfred: *Die barocke Bildlichkeit und ihre Kritiker. Stilhaltungen in der deutschen Literatur des 17. und 18. Jahrhunderts*. Stuttgart: Metzler, 1966.
- ZWEIG, Stefan. *Brasilien – Ein Land der Zukunft*. Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1989.